

lapauz

Número 16

Publicação dos
Associados do IPB

EDITORIAL

Quem faz sentido é soldado
Mario Quintana

A escrita de textos em psicanálise se difere bastante da escrita de um artigo científico. Se no artigo o objetivo é que a teoria oriente a prática, na psicanálise não, é a clínica que norteia toda a teoria.

Dessa forma, em psicanálise, a técnica não é suficiente para escrever um bom texto. É necessário que haja uma escuta clínica anterior e um desejo em transmitir algo daquela experiência. Para isso, é *preciso* sair da mera repetição de um conhecimento para se ter uma produção própria que aponte para a verdade do sujeito. Apesar de sabermos que nada disso é tão *preciso*.

Sendo assim, quando se escreve, algo circula e ultrapassa a dimensão de uma simples mensagem. Lacan no seu texto sobre a carta roubada de Edgard Allan Poe ressalta que *la lettre*¹ não tem importância pelo que diz mas como testemunho do dizer. Durante todo o conto de "A Carta Roubada" não sabemos nenhuma notícia sobre a mensagem da carta, apesar dela ser o personagem principal.

O conto de Poe e a psicanálise colocam o *sem-tido* de lado. Embora o conto, assim como os textos, siga um começo-meio-fim, podemos perceber que nesse dizer também se desenvolve uma história *sem-dito*. Há uma supremacia da *lettre* sobre seu conteúdo.

¹ Equívoco homofônico em francês que significa carta e letra.

E é no entendimento de que a produção literária opera a partir do *sem-sentido* e aponta para a forma como são arquitetados os significantes, que esta publicação se dispõe em ser um espaço para que as elaborações dos associados tenham lugar, com seu estilo, sempre a partir do desejo de cada um.

Ao *contar* algo, também é possível que ocorram lapsos e no editorial da edição passada trocamos o número da nossa edição. Não *contando* como erro esse lapso, foi possível colher efeitos daquela "quebra na escrita". Assim, agradecemos aos nossos atentos leitores!

E para finalizar, entendendo que a *Lapsus* não existiria se não fossem os escritores e que escrever ocupa um lugar diferente para cada autor é que nessa edição perguntamos para algumas pessoas próximas do IPB: "O que é escrever para você?". Além desse trabalho, contém nessa décima sexta edição: o texto "Sintoma e o Real do trauma" de Paula Goulart, "A tinta inexistente" de Anderson Viana e "Narcisismo e obesidade" de Andréa Pato, além de um interessante b@te-bol@ com Hugo Freda e uma poesia do Ferreira Gullar.

Cada leitor está convidado a fazer uso da *Lapsus* e pôr algo de si naquilo que lê.

Boa leitura!

Wilker França - Associado do IPB

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| TEXTOS | 4 |
| O sintoma e o real do trauma - revisitando o conceito de repetição em Lacan | 4 |
| Paula Goulart | |
| A tinta inexistente | 6 |
| Anderson C. Veloso Viana | |
| Obesidade e narcisismo | 9 |
| Andréa Pato | |
| B@TE-BOL@ | 11 |
| Anderson Viana e Francisco Hugo Freda | |
| LAPSUS PERGUNTA | 12 |
| O que é escrever para você? | 12 |
| Wilker França | |
| POESIA | 14 |
| Uma pedra é uma pedra | 14 |
| Ferreira Gullar | |

O sintoma e o real do trauma - revisitando o conceito de repetição em Lacan

Paula Goulart

Na constituição do sintoma e em seus efeitos de repetição, qual seria o real, qual trauma que estaria instalado aí?

O aforismo lacaniano 'não há relação sexual' pode nos servir de ponto de partida nessa investigação, já que o ser falante não dispõe do saber sobre o real, sobre o gozo sexual. O que colocaria o trauma como esse encontro com um gozo sexual sem o amparo de um saber sobre a sexualidade, deixando para o sujeito um enigma.

O sintoma emergiria como metáfora, que tenta responder a esse enigma sobre o gozo sexual. As respostas são sempre particulares, já que a relação entre o homem e a mulher não pode ser calculada pela natureza.

Enquanto metáfora, o sintoma apontaria para o retorno de uma experiência reprimida. O trauma originário, ponto central dessa experiência, como a própria cena infantil que vai se organizar com a formulação da fantasia inconsciente, por parte do sujeito.

O real pode ser tomado, então, como uma coordenada do sintoma enquanto 'janela' do fantasma. O fantasma viria recobrir esse encontro contingencial, velando o gozo que põe em jogo a ausência desse saber sobre o sexo.

Freud estabelece uma relação de causalidade entre trauma e sintoma em suas teorias do trauma e da fantasia. Para ele, haveria um trauma ocasional, produtor do sintoma; e um trauma originário, representante da irrupção do real

na vida do sujeito. A causa apareceria, então, no *après-coup* de seus efeitos.

O caso Emma, tomado como exemplo, tem a cena 2 interpretada como o encontro contingente que leva à repetição, encontro como autômaton, na perspectiva lacaniana. Após ele é que surgem os sintomas, como retorno de uma experiência reprimida.

O trauma originário, constituído por uma cena infantil, faz irromper um gozo sexual para Emma na ausência de um saber sobre o sexo. Esse encontro traumático com o real é a tiquê.

Lacan, no Seminário 11, sinaliza que o lugar do real vai do trauma à fantasia, fazendo dela uma tela dissimuladora do que há de determinante na função da repetição.

A fantasia por vezes mostra e oculta esse encontro traumático do sujeito com o real.

Stevens, ao equacionar o final de análise e sua relação com a fantasia, aponta que nos depoimentos o que se encontra são franqueamentos, abordagens do real. O *sinthoma*, testemunho do modo como o sujeito se confronta com a pulsão, aparece como um ponto situado mais-além da fantasia.

Para Stevens, a noção de saber-fazer com seu *sinthoma* debulha como as marcas de gozo são as respostas do sujeito à inexistência da relação sexual, do saber sobre a sexualidade.

Retomando então a análise do trauma freudiano como encontro contingente com o gozo sexual e como ocasião para construção de uma resposta particular, o *sinthoma* se constituiria como resposta do sujeito à repetição (tiquê) e todos os acontecimentos de uma certa modalidade do real

(*actings out*, passagens ao ato, atos falidos, acidentes) poderiam ser lidos como significações do sintoma.

Seriam fenômenos causados pela repetição do sintoma (autômaton) e pela posição do sujeito no discurso, demonstrando que há sempre um primeiro sentido, por efeito de *après-coup*, em todo encontro posterior.

Referências

LACAN, J. (1964) O Seminário Livro 11: *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

STEVENS, A. El síntoma y lo real del trauma. Estudios psicoanalíticos. *Trauma y discurso* n. 4. Eolia - Miguel Gómez Ediciones.

A tinta inexistente¹

Anderson C. Veloso Viana

a palavra é o disfarce de uma coisa mais grave, surda-muda, foi inventada para ser calada
Maria Adélia Prado

O presente texto tem como objetivo relatar pontos da transmissão feita na EBP-Ba por Iordan Gurgel, no último 14 de julho, que considereei relevantes para efeitos de atualização do tema da Jornada e do Encontro deste ano.

Iordan evidenciou o fato de não haver como dizer a verdade sobre o trauma. Neste sentido, cada um é convocado a responder algo para dar conta do mesmo. Fazendo

¹Atividade preparatória com transmissão de Iordan Gurgel e coordenação de Marcela Antelo para a XIX jornada da EBP - Bahia e para o XX Encontro Brasileiro do Campo Freudiano que tem como tema este ano o "Trauma nos Corpos, violência nas cidades".

referência a Marie-Hélène Brousse: "a cada sujeito seu próprio mal estar", e tomando também como referência Guy Briole, Jordan trouxe a ideia de que o trauma é a marca do homem, indelével, que não se apaga e não se modifica pelo recalque. É, assim, o que inscreve o sujeito na linguagem deixando um resto que o simbólico não pode reabsorver, apesar de não tentar deixar de fazê-lo.

Neste sentido, Jordan continuou abordando o tema, tomando o trauma em Freud como algo que marca um antes e um depois que a consciência não pode apagar porque não há uma defesa possível. Destaca dele, a importância da subjetivação do acontecimento e não o acontecimento propriamente dito como faz a abordagem médica.

Aí estaria localizado o trauma sexual na origem de todo falasser, na cópula problemática da palavra com o real do corpo, como desenvolve Lacan. Já no percurso deste, destaca, entre outros momentos, o Seminário 11 (1964), no qual encontramos a ideia do trauma como o encontro com o real que a linguagem não dá conta. Não havendo relação sexual surge o *troumatismo*, trauma que esburaca, levando o sujeito a inventar suas formas de defesa contra o real, particularizando seu modo de gozar.

Quando Lacan começa a relacionar o real com o corpo afetado pela linguagem (*alíngua*), ele passa a se interessar pelo trauma como o que não anda e que é da ordem do impossível e não mais como o que tinha significado a decifrar.

Jordan então propõe a questão: se a interpretação não alcança o trauma, como metabolizá-lo? Sendo a linguagem organizada simbólica e imaginariamente em torno de um furo fundamental, é possível falar de um efeito produtivo do trauma quando na falta de um sentido o sujeito é convocado a uma invenção.

Continuando com Lacan no Seminário 24(1977), *L'insu*, Jordan pontuou que se trata da identificação do trauma com uma instância da estrutura do sujeito, da *tyché* (encontro com o real) que está mais além do *automaton*: o falar não adormece o real, mas o núcleo traumático faz falar, ordena o discurso com consequências no final de análise.

Resgatando Miquel Bassols, evidenciou que a bomba da sexualidade permanece ativada, sendo o analista chamado a desativá-la. Assim, conclui, desde sua origem com Freud, que a psicanálise precisou reconhecer uma evidência clínica: a realidade psíquica não coincide de modo algum com a realidade objetiva, seja ela fatural ou do discurso, impossibilitando um caminho universal.

Referências utilizadas por Jordan

BASSOLS, M. *Trauma nos corpos, violência nas cidades*. DISPONÍVEL EM: site do XX Encontro Brasileiro do Campo Freudiano.

BRIOLE, G. *La Mirada, La escritura y El Traumatismo*. Conferência realizada em 11 de junho de 2004, ELP Sede Bilbao, Seminário do Campo Freudiano de Bilbao. DISPONÍVEL EM: AMP blog

BROUSSE, M. H.: *Os Traumas na Cura Analítica - Bons e maus encontros com o real*, 2014. DISPONÍVEL EM: AMPblog.

FREUD, S. (1886-1889) *Publicações Pré-psicanalíticas e Esboços Inéditos*. Edição Standard Brasileira das obras Completas de Sigmund Freud, v. I, Imago Editora, 1996.

_____. (1893 -1895) *Estudos sobre a Histeria*. Edição Standard Brasileira das obras Completas de Sigmund Freud, v. I, Imago Editora, 1996.

_____. (1901 - 1905) *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*. Edição Standard Brasileira das obras Completas de Sigmund Freud, v. VII, Imago Editora, 1996.

LACAN, J. O Seminário, livro 11: *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*(1964). 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. O Seminário, livro 24: *L'insu que sait de l'une bévue s'aile a mourre*, 1976-1977. (Transcrição).

A escuta do paciente obeso provoca o analista a buscar dar sentido àquilo que parece ser simplesmente desprovido disto. A ideia no presente texto é discutir um ponto muito preciso que surge a partir da observação clínica de alguns casos e, seguramente, não diz respeito a todos. Trata-se de um sem sentido absoluto. Algo que não entra na lógica da demanda, pois parece que não está em cena um outro a quem dirigi-la. O obeso geralmente apresenta um corpo hiperexcitado pelo lugar central em que se coloca no investimento da sua própria libido e pela vivência muito primária de que é ainda centro das intenções e interesse do mundo.

Alguns autores, como Gunfinkel (2011), acreditam que nas adições de forma geral -a comida sendo uma delas-, existe um "narcisismo primário absoluto e perturbado na tarefa mais básica de constituição do aparelho psíquico e suas instâncias" (p.69).

Freud (1914), em relação ao prejuízo causado pelo excesso de libido voltada para o próprio corpo, diz:

(...) o desprazer é sempre a expressão de um grau mais elevado de tensão e que, portanto, o que ocorre é que uma quantidade no campo dos acontecimentos materiais é transformada, aqui como em outros lugares, na qualidade psíquica do desprazer (...) Reconhecemos nosso aparelho mental como sendo, acima de tudo, um dispositivo destinado a dominar as excitações que de outra forma seriam sentidas como aflitivas ou teriam efeitos patogênicos (p. 92).

O que se percebe na escuta desses pacientes é que a comida constante vem barrar uma tensão corporal que é

vivida de forma insuportável. Nota-se um narcisismo que sinaliza algo falho na construção do aparelho psíquico, deixando o sujeito sem recursos simbólicos para conter o excesso da experiência afetiva que, muitas vezes, se aproxima da angústia psicótica.

Fala-se de narcisismo por conta de um modo de gozar que exclui o outro ou o que quer que possa ser compartilhado. Não se trata dos excessos cometidos em dias de festa e sim de todo o resto escandaloso que precisa comer para manter 50kg de excesso de peso. Esse "a mais" se faz quando todos os outros já foram dormir.

O obeso faz alteração na sua vida sexual, substituindo o prazer genital pelo prazer promovido pela comida, o que se torna, gradualmente, sua finalidade sexual dominante (Gunfinkel, 2011). Fica evidente a busca incessante por prazer, que suplanta qualquer outro interesse, sexual ou não.

Na obesidade, como em outras adições, há um vício em se ter o máximo de prazer possível; o que, em geral, está associado com pouca ou nenhuma inclusão do prazer do outro. É comum escutar pacientes falando do vício na paixão, que vem associado à dificuldade em estabelecer vínculos amorosos a longo prazo. A posição narcísica dificulta que o sujeito se mantenha na relação quando a excitação e as surpresas se tornam mais escassas. Ele não pode amar o objeto e suas sutilezas, apenas quer ser amado por este e usá-lo enquanto lhe proporcionar satisfação.

Assim, é feita uma compensação somática constante para assegurar a inserção social do sujeito que não suporta intervalos na sua satisfação e necessita sempre de algo que faça escoamento ao seu excesso de sensações.

Referências

CHARBONNEAU & MOREIRA. (2013) Fenomenologia do transtorno do comportamento alimentar hiperfágico e adições. *Rev. Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*. São Paulo, 16(4), 529-540.

FREUD, S. (1914) Sobre o Narcisismo: uma introdução. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de S. Freud* (Jayme Salomão, trad.). (Vol. 14, pp. 81 a 108). Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____. (1917) Conferência XXVI: A teoria da libido e o narcisismo. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de S. Freud* (Jayme Salomão, trad.). (Vol. 16, pp. 413 a 431). Rio de Janeiro: Imago, 2006.

GURFINKEL, D. (2011) *Adições: paixão e vício*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

b@te-bol@

Francisco Hugo Freda

Anderson C. Veloso Viana

Nesta edição, criamos uma coluna destinada a entrevistas curtas realizadas pelos associados sobre temas diversos. O 'piloto' foi feito por mim, Anderson Viana, via *facebook*, com Francisco Hugo Freda. F. H. Freda esteve em Salvador no ano passado para um evento no CETAD (Centro de Estudos e Terapia do Abuso de Drogas) e, na ocasião, disse estar mais interessado, no momento, na formação dos analistas neste século. Minha questão surgiu aí! F. H. Freda é argentino radicado na França. É analista membro da Escola (AMP) e professor da Universidad Nacional de General San Martin, na Argentina.

Quando estive o ano passado em Salvador / Bahia, escutei o Sr. falar que agora estava interessado mais particularmente na formação do analista no século XXI e que estava começando sua pesquisa com o primeiro seminário de Lacan. Por quê este seminário?

F.H.F.: Porque estou relendo toda obra de Lacan e além disso porque nesse Seminário já se encontra um fio que conduzirá ao que chamo o inconsciente lacaniano.

Em que medida o *sinthome* autoriza ou não a se posicionar como analista?

F.H.F.: O que autoriza a posicionar-se como analista é o "desejo" do analista.

Quem analisa hoje?

*F.H.F.: Há uma redefinição do analista a partir da noção do *sinthome* que pode ser definida por o *escrivão*.*

Tradução: Daniela Araujo

Revisão: Rogério Barros

Lapsus pergunta...

O que é escrever para você?

Wilker França

A proposta da *Lapsus* é proporcionar um espaço em que os associados se sintam à vontade para escrever algumas de suas elaborações e construir algum texto que traga algo do

estilo de cada um. Entretanto, cada sujeito estabelece com a escrita uma relação muito particular. Dessa forma, decidimos perguntar para algumas pessoas do Instituto de Psicanálise da Bahia (IPB): *O que é escrever para você?* Conseguimos reunir lindas frases que trazem a marca de cada autor. Acompanhem!

"Escrever para mim é fazer do encontro com a escrita uma invenção." Carla Fernandes - Associada do IPB.

"É exercitar através de palavras aquilo que me toca e o que consigo expressar: fica assim o registro no presente impresso, mas também a possibilidade futura de alguma transformação." Daniela Araujo - Associada do IPB.

"É uma forma de materialização do pensamento." Elia Cardoso - Associada do IPB.

"Escrever para mim é uma forma de me encontrar com o mais íntimo e estranho de mim mesma. Algo é revelado nas minhas entrelinhas, algo do incomensurável acontece e não para de desacontecer..." Fernanda Dumêt - Associada do IPB.

"Escrever é dizer a minha palavra: poetizar a vida e vivificar o escrito." Ivone Maia - Aluna da pós-graduação do IPB.

"Escrever é entrar em contato com a minha mais profunda solidão, onde posso encontrar a mais verdadeira solução." Julia Jones - Associada do IPB.

"Escrever para mim é quase sempre um acting out de inibição e ousadia a despeito disso quase nunca tem a mesma dignidade do ato bem sucedido; em fim: escrever é um ato falho por excelência e por isso mesmo, segue sendo fonte de prazer." Luiz Felipe Monteiro - Associado do IPB.

É expressar, por meio da borda da letra, o inexpressável ou invisível ao olho nu." Maiana Rocha - Participante do curso regular do IPB.

"Viabilizar um pacto entre o pensamento e o concreto do mundo." Milena Matias - Participante de algumas atividades do IPB.

"Esforço de encontro, registro do possível." Priscylla Guedes - Participante do curso regular do IPB.

"Escrever é dar corpo ao pensamento." Rogério Barros - Associado do IPB.

"Escrever é revelar ao mundo, por meio da letra, pedaços da nossa singularidade." Vanessa Leite - Associada do IPB.

"É inventar singularíssimos cais para mares revoltos." Wilker França - Associado do IPB.

poesia

Uma pedra é uma pedra

Ferreira Gullar

Uma pedra
(diz
o filósofo, existe
em si,
não para si
como nós).

Uma pedra
é uma pedra
matéria densa
sem qualquer luz
não pensa
ela é somente sua
materialidade
de cousa:
não ousa

enquanto o homem é uma
aflição
que repousa
num corpo
que ele
de certo modo
nega
pois que esse corpo morre
e se apaga
e assim
o homem tenta
livrar-se do fim
que o atormenta
e se inventa.

LAPSUS ONLINE

A Lapsus também pode ser lida, ampliada, consultada e compartilhada em meio virtual. Contamos com toda a nossa história, no site <http://institutopsicanalisebahia.com.br/lapsus>.

Visitem-nos!

submissão de trabalhos

Convidamos os participantes do IPB a compartilhar com LAPSUS suas ideias, seus temas de investigação e interesse.

Os trabalhos poderão ser enviados para o e-mail lapsusipb@gmail.com.

ESPECIFICAÇÕES

- O texto deverá vir com título e nome do autor em tamanho 14, fonte Cambria (títulos), devidamente corrigido e revisado.
- Número de caracteres entre 2500 e 3000 com espaço.
- O corpo do texto deverá ser feito em Fonte Courier New, tamanho 12 e o espaçamento antes 6pt, depois 0pt, entre linhas 1,5.
- Informamos que os trabalhos com vinhetas ou casos clínicos serão analisados criteriosamente pela equipe *Lapsus* antes da publicação.

*Os trabalhos publicados com assinatura não traduzem necessariamente a opinião dos editores de LAPSUS. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate de questões diversas que transitam por aqueles que integram e frequentam as atividades do Instituto de Psicanálise da Bahia.

expediente

Equipe Lapsus: Anderson Viana, Daniela Araujo, Ethel Poll, Júlia Solano, Paula Goulart, Rogério Barros, Iago Sampaio e Wilker França

Consultor: Bernardino Horne

Contato: lapsusipb@gmail.com